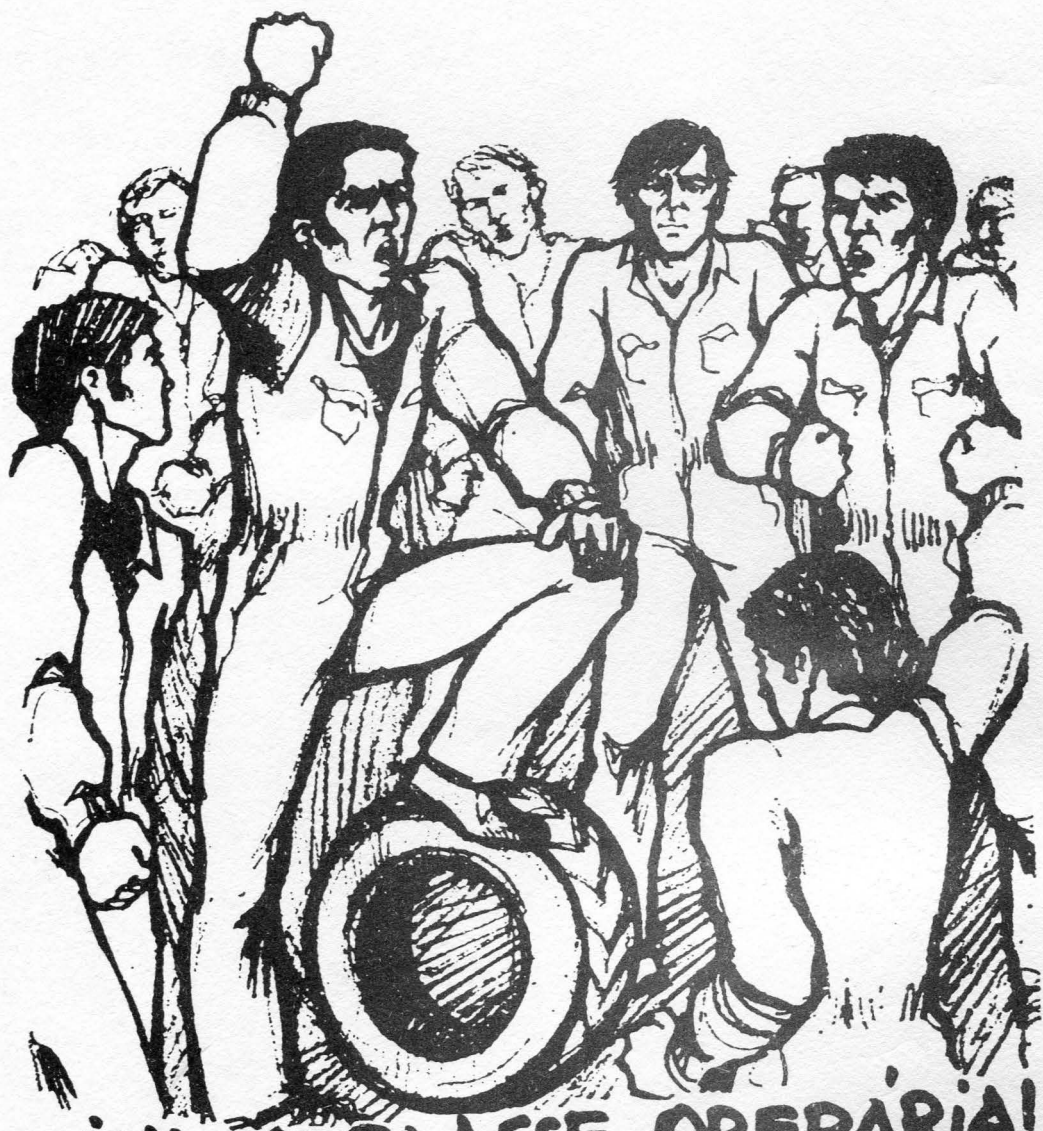


BOLETIM
DE APOIO ÀS LUTAS POPULARES



LISTA A

AO SERVIÇO DO POVO
VENCEREMOS



**VIVA A CLASSE OPERÁRIA!
EM FRENTE NA LUTA ATÉ
'A VITÓRIA !**

INTRODUÇÃO

Com o 25 de Abril, após a passagem da ditadura da burguesia de fascista para democrática, a classe operária portuguesa viu criadas melhores condições para lutar por um melhor nível de vida e para tentar sair das condições de miséria e exploração desenfreada que suportou durante anos.

Se é verdade que já durante o fascismo se desencadearam importantes movimentos de luta, de que são exemplo as greves dos Pescadores de Matosinhos e da Grunding, este movimento ganha agora uma amplitude nacional generalizando-se a todas as zonas do país.

Além do melhoramento das condições de vida e da redução dos horários de trabalho, outra causa que esteve na base de muitas lutas foi o saneamento dos fascistas, que continuavam e continuam na maioria dos casos a ocupar os antigos postos.

Este aumento de consciência da classe operária, esta onda de luta contra o capitalismo e o fascismo deparou com a oposição do Governo Provisório e de uma forma particularmente feroz, com a oposição do destacamento do Capital infiltrado na classe operária — o partido de Alvaro Cunhal. Em todas as principais lutas desencadeadas pelos trabalhadores (Lisnave; CTT; TAP; Jornal do Comércio; etc.) a burguesia democrática no poder, interessada em que o golpe militar do 25 de Abril não ultrapasse os limites de uma democracia burguesa, colocou-se descaradamente ao lado dos patrões e contra os trabalhadores, chegando mesmo a usar um dos instrumentos da sua dominação — o exército — contra os operários em luta da TAP — e ameaçando fazê-lo no caso dos CTT e da Lisnave.

Ao avanço crescente da classe operária que atingiu o seu ponto mais alto em Maio, respondeu a Burguesia Portuguesa com uma lei anti greve, com a alta do custo de vida e com os despedimentos em massa.

Estes factores (sobretudo a ameaça de despedimentos) aliados ao controle exercido pelos Sindicatos Reformistas, fizeram com que diminuísse nos últimos tempos a combatividade da classe operária.

A classe operária no entanto cada vez mais compreende que democracia e liberdade em sistema capitalista nada mais significa que liberdade para os patrões continuarem a sugar os trabalhadores e continuam desencadeando importantes lutas pelo derrube do capitalismo no nosso país.

Compreendendo que nesta luta entre exploradores e explorados é importante a contribuição que cada um de nós poderá dar à luta da classe operária, a lista A edita este boletim divulgando e analisando as principais lutas operárias desencadeadas no nosso país no mês de Janeiro. Com isto procuramos conseguir que um número cada vez maior de estudantes compreenda a justiça de se colocar ao lado do Povo e lutar nas escolas para a prossecução dos seus interesses nas escolas.

Considerando extremamente importante o actual momento político espanhol divulgamos também algumas das principais lutas do povo espanhol pela destruição do Fascismo e do Capitalismo.

CHARMINHA. A luta dos operários desta fábrica, apresentada por alguns como um processo de auto-gestão, aproxima-se do fim. A Charminha é uma pequena fábrica de confecções com perto de 80 trabalhadores na maioria mulheres. Ligada a interesses estrangeiros é actualmente uma empresa "sem patrão". Em Maio de 74 as operárias, colocadas perante a possibilidade de desemprego, em virtude do encerramento da fábrica, ocuparam as instalações e continuaram a produção. Logo após o 25 de Abril o gerente, austríaco, fez uma viagem até Viena da Austria.

Importa salientar que este senhor, ZENKL, de passado nazi, administrou anteriormente outra fábrica do mesmo grupo empresarial, no Brasil. Aí, demonstrou as suas habilidades, com um desfale que de milhares de contos. Não foi preso; como "castigo" os patrões deram-lhe a administração da Charminha. A sua administração em Portugal está por apurar, encontrando-se a contabilidade na posse do Sindicato dos Escritórios de Lisboa.

No regresso da Viena da Austria, em 24 de Maio, começa o processo de luta. Como resposta às reivindicações das operárias, Zenk encerra a fábrica, despede as operárias, entrega os assuntos nas mãos de um advogado português e ausenta-se para o estrangeiro. É nesta altura que os trabalhadores ocupam a fábrica, exigem o pagamento dos salários do mês de Maio e o saneamento de Zenk, o nazi austríaco.

Do estrangeiro este senhor passou um cheque, assinado por procuração, para pagamento dos salários em atraso. Viu-se depois que o cheque não tinha cobertura.

Ocupada a fábrica, fugido o gerente, os trabalhadores continuaram a produzir. Um tal senhor Bruno, o "bom chefe", comanda os acontecimentos. É ele quem sopra a ideia da auto-gestão, ideia que merece o aplauso do sindicato (das costureiras). Forma-se um comité de gestão com a particularidade de as operárias serem dele excluídas. São os empregados que dirigem: as operárias produzem e participam na venda do produto. As "chefes de linha" debandam, o que cria novos problemas para a organização da produção. Um dia, o tal sr. Bruno deixa de aparecer. O evoluir dos acontecimentos vai dando experiência às operárias. Elas começam a aperceber-se das manobras dos empregados de escritório que arrecadam a "parte de leão" na distribuição do rendimento produzido, embora nada tenham contribuído para isso. Está aqui a origem das contradições que se esboçam entre os dois sectores; as operárias começam a lutar para introduzir delegadas suas no comité de gestão. As mais conscientes lutam para retirar aos empregados de escritório a direcção da fábrica. O processo culmina quando as operárias impõem o nivelamento dos salários a todos os trabalhadores e cinco empregados de escritório subtraem 17 dos 23 contos existentes na caixa e desaparecem com dinheiro.

As operárias começam a aperceber-se de certas relações existentes na sociedade.

As operárias começam a aperceber-se da verdadeira natureza das relações familiares na sociedade capitalista. Há maridos que não gostam que as mulheres ocupem a fábrica à noite, que vão lá buscá-las à força e as agredem.

Marido voltado contra mulher, trabalhador contra trabalhador, a divisão, a subordinação da mulher ao homem: aí está a ideia que o professor, o padre, o agente social, a família, a sociedade inteira vergada à ideologia burguesa.

o problema da mulher nesta sociedade miserável de exploradores e explorados.

As operárias começam a aperceber-se de que não estão sozinhas, que há outras operárias em luta noutras fábricas, com problemas semelhantes aos seus ou com problemas diferentes.

Descobrem o significado da solidariedade operária, os elos estreitos que as unem a todos os camaradas explorados. É a consciência de classe que emerge.

Ouvem pela primeira vez falar da revolução socialista de 1917, da China Popular e da Albânia. As primeiras ideias socialistas, revolucionárias iluminam a consciência de algumas operárias. O Internacionalismo Proletário vai deixando de ser um slogan que ouvem da boca de alguns intelectuais, para ser uma palavra com significado preciso.

As operárias apercebem-se, finalmente, do logro da auto-gestão. Elas só tinham matérias primas para fabrico de artigos de verão. Esse stock vai-se esgotando, e, além disso precisam de matéria prima para produzir artigos de inverno. Os bancos que pertencem aos capitalistas, naturalmente, não dão crédito a estas operárias "sem patrão", que o Ministério do Trabalho do Governo Provisório burguês declara estarem em situação de ilegalidade, para adquirirem a matéria prima para artigos de inverno.

De facto, na sociedade capitalista, "operários sem patrão" numa fábrica é ilegal. A legalidade burguesa só permite duas alternativas: exploração ou desemprego. A ideia de auto-gestão - uma pequena ilha de socialismo no seio do capitalismo - é posta de lado: as ondas do mar capitalista acabaram, inevitavelmente por cobrir a pequena ilha.

A ocupação das fábricas encerradas e a continuação da laboração é um processo justo na luta contra o desemprego: é uma forma de auto-defesa. Mas só isso. Considerar que o problema fica com isso resolvido é uma ilusão puramente reformista. A luta contra o desemprego é uma luta contra o modo de produção capitalista, contra a exploração do homem pelo homem, contra o poder da burguesia.

Enquanto houver capitalismo, há desemprego.

Se a luta não ganhar uma ampla expressão política, está condenada ao fracasso. A ilusão auto-gestionária adormece os trabalhadores, e, além disso impede-os de compreender a luta para lá das paredes da sua fábrica.

A auto-gestão não é apenas uma ideia reformista, é até mesmo uma impossibilidade, como comprova o caso da "Charminha".

Ocupando as fábricas, os operários entram em choque com a sociedade capitalista. Tomam consciência de que o patrão não é necessário no processo de produção e que podem muito bem passar sem ele. A experiência ensina-lhes que para o conseguirem, eles terão de destruir toda a sociedade capitalista todo o poder dos patrões, imediatamente, duma maneira ou de outra lhes move guerra. Trata-se de uma luta que ganha envergadura nova. Sem organização

A luta dos operários desta fábrica, dura há já cerca de 8 meses. Efectivamente, a 13 de Maio os 800 operários pararam o trabalho para apoiarem o caderno reivindicativo do qual constava: 13^º mês, 26 dias úteis de férias e um conjunto de regalias sociais como creche, refeitório, transportes, serviços médicos e condições de higiene e segurança. Algumas destas medidas eram obrigatórias pelas próprias leis fascistas de Salazar e Caetano mas nem mesmo essas eram cumpridas pelo patrão Cambournac.

Pouco tempo depois começam as ameaças de despedimento e as alusões à semana de 3 dias. A 4 de Julho, os operários entram em greve pela readmissão de 6 camaradas seus que tinham sido despedidos, o que é conseguido devido à grande firmeza de luta da classe operária.

A fase actual da luta caracteriza-se pela formação de piquetes que controlam a entrada e outros locais da fabrica. A decisão de ocupação resultou da informação a 5 de Dezembro de que os bancos tinham suspendido os créditos à empresa e que esta ameaçava falência, o que significaria desemprego para cerca de 3.000 operários: os da fábrica e de outros dela dependentes.

Entretanto, começaram a circular "papelinhos" de origem desconhecida, procurando levar os operários ao abandono da luta. Quando o patrão se suicidou, um senhor Serra da administração estava precisamente a confessar ser o autor dos "papelinhos," para o que teria luz verde do patrão.

Nem mesmo no Natal e Ano Novo deixou de haver ocupação. Disciplinadamente era cumprido o horário dos piquetes. Está em jogo um ponto importante da luta: a defesa do direito ao trabalho para cerca de 3.000 operários. Esta unidade conseguida foi o produto da própria luta. No início, em Maio, os trabalhadores confiavam na comissão, delegando nesses camaradas, mas não tinham grande participação. Hoje a participação é muito maior, continuando como sempreunidos em torno da sua Comissão. Ultrapassaram já todas as tentativas de divisão e de adormecimento das suas lutas, lançadas pelo patrão e seus lacaios.

Depois do suicídio do patrão, os operários vão apresentar aos herdeiros e ao Ministério do Trabalho a sua exigência fundamental: que a fábrica não feche!

APOIEMOS A LUTA DOS OPERÁRIOS DA CAMBOURNAC !

EFACEC-INEL

Os trabalhadores da Efacec-Inel, reunidos em plenário no dia 14 de Dezembro último, aprovaram um conjunto de moções com o objectivo de lutar contra os despedimentos. De entre as moções, é de salientar uma que tinha por fim exigir da Administração uma garantia de trabalho para todos os assalariados daquela empresa. Expirado o prazo para a resposta, porque a Direcção não respondeu satisfatoriamente às exigências dos trabalhadores, realizaram um plenário em 3 de Janeiro.

Numa análise do problema do desemprego a nível internacional, os trabalhadores constatarem que é absolutamente necessário que a classe operária se organize e avance contra o patronato, pois este organizado nos partidos ou CIPs (Confederação da Indústria Portuguesa) quer mais uma vez descarnegar os efeitos do capitalismo nos ombros dos trabalhadores.

Nesta mesma assembleia foi focado o problema da passividade dos sindicatos contra os despedimentos e o legalismo dos mesmos, pois exactamente a Administração apelou para essa mesma legalidade.

Prevendo o agravamento da crise, e portanto, o aumento de dificuldades para a classe operária, os trabalhadores da Efacec constroem a sua unidade, consolidam-na e solidarizam-se com os operários de outras empresas, procurando formas organizativas que lhe permitam responder taco a taco aos patrões. Seguindo o exemplo da Siderurgia Nacional onde foram abolidas as horas extraordinárias por exigências dos trabalhadores (o que lhes permitirá criar mais 700 lugares de trabalho) na Efacec decidiram os trabalhadores:

— Não fazer horas extraordinárias;

— As férias de obra (são os dias previstos para a deslocação dos trabalhadores para a província, acrescidos de mais dois para descanso entre cada duas tarefas) serão gozadas e não pagas;

— Não aceitamos nenhum despedimento e exigimos a integração efectiva dos que têm contrato eventual;

— Contactaremos outras comissões de trabalhadores no sentido de actuar contra as manobras do patronato".

Um aspecto importante que deve ser vincado é que nesta empresa os trabalhadores passaram já a uma etapa mais avançada da luta: enquanto que em muitas outras assembleias e acções de luta são feitas para responder ao patrão que atentou contra o direito dos trabalhadores, na Efacec estes organizam-se porque prevêm ataques do patronato.

Um ex. está na lei que ultimamente saiu. Não proíbe os despedimentos — apenas regula os prazos de aviso de 60 ou 90 dias, conforme a empresa tem menos ou mais de 50 trabalhadores.

Numa intervenção do Plenário foi dito: " não são os papéis escritos, mas a nossa unidade que impede o capital de passar à ofensiva".

Apoiemos a luta dos trabalhadores da Efacec -Inel.

NUTRIPOL Os trabalhadores da Nutripol avançam na luta contra a Administração que na reunião com os accionistas do dia 9 de Janeiro resolveu declarar falência a partir das 12 horas desse dia (encontrava-se desde o dia 7 uma Comissão nomeada governamentalmente a fazer uma sindicância à empresa por exigência dos trabalhadores).

Nesse mesmo dia às 15 horas é declarado pelo Governo que será feito um empréstimo de 25000 contos à empresa.

Os trabalhadores em Assembleia Geral respondem: "Insistir nas acções já empreendidas por forma a manifestar ao governo, uma vez mais, a discordância dos trabalhadores no sentido de que a actual Administração possa continuar a administrar a empresa.

Exigir que a aplicação do empréstimo seja fiscalizada por um delegado do Governo e pelos trabalhadores.

luta para dar apoio á greve.

TINTURARIA PORTUGALIA - Os trabalhadores desta fábrica aprovaram em Plenário uma moção pedindo a nacionalização imediata da empresa.

O problema da Tinturaria Portuguesa já se arrasta ácerca de 8 meses. Os trabalhadores cederam já relativamente ao salário mínimo que exigem no seu caderno reivindicativo. Mas a Administração continua a não satisfazer as exigências dos trabalhadores e decidiu decretar "lock-out" pelo que os trabalhadores ocuparam as instalações e começaram a trabalhar com o horário normal praticando a auto-gestão. Uma peritagem efectuada, tinha já provado que havia possibilidade da empresa pagar os salários exigidos.

Relativamente á ocupação das instalações os patrões como sempre dizem que ela é ilegal.

Mas para os trabalhadores portugueses o que é ilegal é a tal lei chamada da greve -- a lei anti-greve.

TAP-- A luta continua - No passado dia 6 de Janeiro foram readmitidos os trabalhadores da TAP que ainda se encontravam suspensos desde o período de militarização da companhia.

A militarização, que foi levada a efeito baseada numa lei fascista da década de 40, foi a resposta governamental às justas reivindicações dos trabalhadores, que tinham como pontos significativos da luta anti-fascista e anti-capitalista, o seguinte:

- Exigência de saneamento de vários indivíduos sobejamente conhecidos dentro da empresa pelas suas inspirações anti-operárias.
- O apuramento das responsabilidades da repressão policial fascista de 12 de Julho de 1973, data em que os operários da TAP sofreram uma feroz carga da polícia de choque, durante a grande concentração realizada em frente do edificio da administração.
- O castigo dos responsáveis pelos despedimentos repressivos efectuados até ao 25 de Abril e readmissão imediata dos trabalhadores afectados .
- Não aceitação dos despedimentos sem justa causa.

Fontes: Voz Do Povo, Spartacus, Comércio do Funchal, Grito do Povo.

A OFENSIVA DA LUTA DE MASSAS

As lutas dos operários da construção civil, da metalurgia, da indústria têxtil, dos estudantes e dos professores, da juventude e das mulheres, a luta do povo espanhol forma uma única corrente, um cada vez mais amplo movimento de massas. As forças repressivas foram ultrapassadas pela amplitude deste movimento. Mais um militante da ETA caiu sob as balas fascistas. Mas, com ele, caiu também um polícia. Isto verificou-se no decurso de um combate travado recentemente no País Basco.

A vigilância e o controle nas regiões fronteiriças intensificou-se mais do que nunca.

A máscara "liberalizadora" do governo caiu. O ascenso da luta de massas destruiu por completo a política demagógica de Arias Navarro, pondo a descoberto o que se ocultava atrás das "aberturas" do governo de Franco: a matança e as balas assassinas contra o povo trabalhador.

O MOVIMENTO GREVISTA— Em Madrid, a greve das CONSTRUÇÕES AERONÁUTICAS (3.000 trabalhadores) estendeu-se a toda a zona de Getafe. No dia 28 de Novembro, os operários fizeram uma marcha da fábrica até ao centro de Getafe. A Guarda Civil e a polícia intervieram.

Também na zona industrial de Julian Camarilla se deram grandes lutas: verificaram-se paragens na RUS FUTUCOLOR (artes gráficas), tendo a polícia entrado nas oficinas e feito prisões; na P. MENEZA (800 operários); na TRIUNFH (têxtil), onde a OSO (Oposicion Sindical Obrera) e operários desempregados fizeram piquetes que se dirigiram às fábricas próximas conclamando à solidariedade. Na STANDARD houve também assembleias de trabalhadores e paragens de trabalho.

No bairro de SIMANCAS registaram-se importantes manifestações conduzidas pela FRAP (Frente Revolucionário Anti-fascista y Patriótico). A polícia penetrou nas casas em busca dos manifestantes, mas brigadas da FRAP, com o apoio dos habitantes, envolveram os polícias e conseguiram arrancar das garras das forças diversos detidos.

A REPRESSÃO—A repressão da ditadura fascista aumentou dia a dia, no intento de paralisar as massas populares, de frear as lutas actuais e impedir que o movimento grevista se transforme em greve geral. As prisões, no decurso das últimas lutas, contam-se por centenas. Os choques entre operários e a polícia são cada vez mais frequentes. São exemplos: os confrontos havidos na greve da RENAULT, em Valladolid e Sevilha; na SEAT, em Barcelona; na DURO-FELGUERA, em Bilbao; na greve da GENERAL ELECTRIC; na da têxtil e na da construção civil.

Foi neste ambiente que em Espanha se comemorou o 40º aniversário do levantamento heróico dos mineiros asturianos, da proclamação da independência da Catalunha e da greve geral de 1934.